

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO DA LIBRAS EM UMA TURMA REGULAR: FACILITANDO A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Ana Luiza Barcelos Ribeiro (1); Ana Paula Silva Andrade Jorge (2); Bianka Pires André (3)

¹Mestranda em Cognição e Linguagem – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro , Professora UNESA, FAMESC e de Sala de Recursos na rede pública de Campos dos Goytacazes - analuzabarcelos32@yahoo.com.br

² Mestranda em Cognição e Linguagem – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. paula_andrade_bio@yahoo.com.br

³ Orientador da Pós- Graduação em Cognição e Linguagem - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – biankapires@gmail.com

Resumo:

A inclusão escolar tem gerado muitos desafios, respaldados pela legislação muitos alunos com deficiência tem seu acesso e permanência garantidos na escola regular, mas ainda há muito o que ser feito para que ocorra a aprendizagem. Os alunos com deficiência auditiva que utilizam a Língua brasileira de sinais necessitam do amparo de um intérprete, mas apenas isso não garante a inclusão escolar, para que a mesma ocorra de forma significativa a escola e todos os que estão inseridos nela, comunidade escolar e alunos, precisam conhecer essa língua a fim de que possam se comunicar com esse aluno e este se sinta pertencente ao ambiente educacional. A fim de contribuir com a inclusão escolar de um aluno com deficiência auditiva na rede regular de ensino do município de Campos dos Goytacazes /RJ foi desenvolvido “oficinas de LIBRAS” em sua turma no decorrer do ano de 2017 para que os alunos ouvintes aprendessem a língua e houvesse uma comunicação efetiva. Os alunos envolvidos nesta oficina demonstraram bastante interesse diminuíram o preconceito e o medo de lidar com o diferente, além de interagir com ele nos diversos momentos da dinâmica escolar e fora dela, gerando assim a inclusão social.

Palavras-chave: Inclusão Escolar, Língua brasileira de sinais, Deficiência Auditiva.

Introdução:

A inclusão escolar de alunos com deficiência tem sido um tema muito debatido nas últimas décadas a partir dos aspectos legais que legitimam seu acesso e permanência no ambiente educacional, mas o sucesso da inclusão e do processo de aprendizagem vai além do estar presente em sala de aula. Assim como afirmam Glat e Blanco (2007) que embora as escolas tenham um discurso de aceitação à diversidade, não modificam sua prática para dar conta das especificidades de aprendizagem e desenvolvimento de todos os alunos. O discurso vem como resposta a uma obrigação legal e não passa disso, os alunos ficam na sala de aula, esta geralmente não adaptada, professores pouco preparados gerando muitas vezes mais preconceito e desrespeito entre os alunos, aquele que é especial e não sabe o que está fazendo ali e aos outros que o percebem como alguém que não faz nada, que não produz aumentando sua diferença e favorecendo a discriminação.

Essa situação vem sendo enfrentada pelo indivíduo com deficiência auditiva principalmente quanto a língua, que é o diferencial entre o aluno surdo e o aluno ouvinte, como a maioria dos alunos são ouvintes a aula é aplicada em português, em muitas unidades escolares faltam intérpretes de LIBRAS e o professor ainda desconhece a LIBRAS, ficando a educação a cargo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que ocorre na sala de recursos e que deveria ser complementar e não único responsável pela aprendizagem dos mesmos.

Temos observado que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência auditiva nas escolas regulares, é o fato do desconhecimento, por parte de outros alunos e da equipe escolar, com relação a língua utilizada por eles, a LIBRAS.

Este trabalho discorre a partir de uma tentativa de minimizar esta discriminação e propiciar a inclusão escolar de alunos com deficiência auditiva foi oferecida a “oficina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” na turma de 3º ano do ensino fundamental onde havia um aluno incluído, em uma escola municipal de Campos dos Goytacazes, a qual será relatada a experiência a seguir.

Inclusão

A inclusão escolar é considerada aquela que propicia a todas as pessoas independentemente de sua condição física, mental, social, econômica, de sua etnia ou raça, o acesso ao conhecimento, a aprendizagem considerando a todos como cidadãos iguais em direitos. Uma sociedade em que há a inclusão é uma sociedade em que existe justiça social, em que cada membro tem seus direitos garantidos e em que sejam aceitas as diferenças entre as pessoas como algo normal. (MADER, 1997, p. 17)

A inclusão é considerada uma possibilidade de aperfeiçoamento para a educação escolar, visto que assim beneficia a todos os alunos, com ou sem deficiência. A inclusão implica em uma mudança, tanto na escola, professores e educandos em geral. Segundo Fonseca (1995, p. 41) “inclusão parece não oferecer dúvidas, literalmente significa ação ou resultado de incluir, de envolver, de abranger, de fechar, de encerrar, de introduzir, de inserir, dentro de alguma coisa”.

Incluir não é apenas matricular os alunos nas escolas regulares assim seria apenas uma integração, segundo Plaisance (2005) o termo “integração” se referiria apenas a medidas técnicas e administrativas que foram implantadas para permitir que uma criança ou um grupo de crianças deficientes frequentasse uma escola regular. Assim a escola não responsabilizaria

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

por esse processo, caberia aos alunos se adaptarem a escola. Nesse processo são consideradas as crianças que estudam em instituições especializadas e frequentam concomitantemente a rede regular de ensino, não modificando em nada a estrutura, o funcionamento ou a cultura da escola.

De acordo com o mesmo autor na educação inclusiva todas as crianças possuem o direito de frequentar a escola, todas elas, sejam deficientes ou não, havendo assim uma modificação na cultura e na estrutura da escola, pois esta deve estar preparada para receber todos os tipos de alunos e se adequar a eles, estar apta a acolhê-lo, visando não apenas a inclusão e sua inserção escolar, mas práticas que propiciem uma inclusão social.

Ao incluir o aluno com deficiência auditiva a escola tem o papel de envolvê-los, estar aberta e preparada para atender a diversidade, gerando uma inclusão social, uma modificação cultural através de suas práticas.

Deficiência auditiva e a utilização da LIBRAS

A utilização do termo deficiente auditivo foi definido no artigo 4º da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência onde foi disposto as categorias as quais as pessoas com deficiência se enquadram, assim a pessoa com deficiência auditiva é aquela que possui uma perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz;

A pessoa com deficiência auditiva pode ser também chamada de surdo, não sendo considerado uma forma pejorativa, mas uma questão de identidade surda.

O surdo é aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social. A língua de sinais permite ao ser surdo expressar seus sentimentos e visões sobre o mundo, sobre significados, de forma mais completa e acessível. (CAMPOS in LACERDA; SANTOS, 2013 p.48)

Em 24 de abril de 2002 foi promulgada a Lei 10.436 que legitima a Língua Brasileira de Sinais como língua e meio de comunicação dos surdos, garantindo o direito a utilização desta língua e também sua utilização no ambiente educacional. E foi regulamentada pelo Decreto 5.626/05, como uma das características mais marcantes de identidade do povo surdo brasileiro.

A língua de sinais é uma língua natural, com gramática própria e, por ser visual/espacial, é adquirida sem dificuldades pelas pessoas surdas. A aquisição da língua de sinais permitirá à criança surda, além do desenvolvimento linguístico, o desenvolvimento dos aspectos cognitivo e sócio-afetivo-emocional. Permitirá também o desenvolvimento de identificação com o mundo surdo, um dos dois mundos aos quais ela pertence.

E mais, a língua de sinais servirá como base para a aquisição da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. Finalmente, o fato de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança surda possa usar pelo menos uma língua (Pereira; Vieira, 2009, p. 64).

A LIBRAS é a língua natural utilizada por pessoas com deficiência auditiva por ser visual e não exigir um esforço físico como ocorre na oralização da língua portuguesa. Não é utilizado mímica ou gestos, mas sim sinais. Sobre isso, Ferreira e Brito (1997, p. 23) mencionam o seguinte:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais.

A LIBRAS é a língua utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, portanto não é uma língua universal.

A utilização e a aprendizagem da LIBRAS pela pessoa surda fica a critério da família que pode escolher se o seu filho será oralizado, aprenderá a falar e fazer leitura labial tendo como única língua a língua portuguesa oral e escrita, ou se a pessoa se do bilinguismo, utilizando a LIBRAS como primeira língua para sua comunicação e a língua portuguesa como segundo língua na forma escrita. Como diferencia Damázio (2007):

As escolas comuns ou especiais, visam à capacitação da pessoa com surdez para que possa utilizar a língua da comunidade ouvinte na modalidade oral, como única possibilidade linguística, de modo que seja possível o uso da voz e da leitura labial, tanto na vida social, como na escola.

A comunicação total considera as características da pessoa com surdez utilizando todo e qualquer recurso possível para a comunicação, a fim de potencializar as interações sociais, considerando as áreas cognitivas, linguísticas e afetivas dos alunos.

A abordagem educacional por meio do bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social, quais sejam: a Língua de Sinais e a língua da comunidade ouvinte. (DAMÁZIO, 2007, p. 19)

Nas modalidades denominadas oralismo e comunicação total há a negação da utilização da LIBRAS, negando também a identidade, a cultura surda, bem como a língua que é natural do surdo, numa tentativa de homogeneização dos alunos, essas tendências educacionais tem falhado legitimando o fracasso escolar, sendo assim o bilinguismo tem sido a modalidade de ensino com mais êxito no que tange ao processo de ensino aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva.

Ribeiro e André (2017) pontuam que “Não é apenas a utilização da LIBRAS que garantirá o processo de ensino aprendizagem significativo, é necessário haver uma escola preparada para estimular esse aluno em suas capacidades e em todos os sentidos.” (RIBEIRO e ANDRÉ, 2017, p. 302). Assim a escola precisa estar apta a estimular os seus alunos, sendo um diferencial e não apenas um repetidor da sociedade, formando cidadãos conscientes, que respeitem e que percebam o outro como um ser igual em direitos e valores.

Metodologia:

A pesquisa foi realizada no município de Campos dos Goytacazes, localizado a 275 km da capital do Rio de Janeiro. Este município possui uma área territorial de 4.026,696 km² com uma população estimada de 490.288 habitantes (IBGE, 2015).

A presente pesquisa foi desenvolvida seguindo uma metodologia do tipo qualitativa, se deu através de revisão bibliográfica e relato da experiência vivenciada por Ana Luiza Barcelos Ribeiro, professora da Sala de Recursos que ministrou a atividade denominada “Oficina de LIBRAS”, semanalmente em uma turma de 3º ano do ensino fundamental em uma escola do município de Campos dos Goytacazes/ RJ onde foi observado o desenvolvimento da turma quanto a aprendizagem da nova língua e quanto a interação com o aluno com deficiência auditiva.

Resultados e Discussão:

As atividades foram desenvolvidas junto a uma turma de 3º ano do ensino fundamental, de dezoito alunos, justifica-se a escolha desta turma pelo fato de encontrar-se incluído um aluno com deficiência auditiva que utiliza LIBRAS para se comunicar, as oficinas tiveram início em março de 2017 e término em dezembro de 2017 com um total de 28 oficinas, todas as sextas-feiras com uma hora de duração, no horário de complementação pedagógica, onde a turma participa de “oficinas”.

Na primeira oficina foi trabalhado os “cumprimentos” em LIBRAS, os sinais de bom dia, boa tarde, boa noite, oi, tudo bem, desculpa, licença e por favor, contextualizando-os no cotidiano escolar e da vida dos alunos. O aluno com deficiência auditiva aproveitava para ensinar os colegas os sinais e a forma correta (configuração de mãos) de se realizar o sinal, demonstrando mais interação e socialização com os colegas de classe.

Na segunda oficial foi trabalhado a datilologia, o alfabeto manual em LIBRAS, os alunos aproveitaram esse aprendizado para descobrir novos sinais junto ao colega com

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

deficiência auditiva, visto que quando não sabiam o sinal passaram a fazer a datilologia e o aluno mostrava o sinal.

O nível de importância da aquisição da Língua de Sinais para os surdos vai além da necessidade de comunicação com seus pares e familiares. Exige integração maior dos ouvintes com a Língua de Sinais e dos surdos com a língua portuguesa (Delgado; Cavalcante, 2011).

Corroborando com as contribuições dos autores na terceira oficina fizemos as apresentações dos alunos, cada um se expressando em LIBRAS e fazendo o seu nome em datilologia e o aluno dava um sinal para cada aluno (como se fosse o nome do aluno em LIBRAS para facilitar a comunicação e a identificação entre eles).

Na quarta oficina trabalhamos os materiais escolares em LIBRAS, com folhinhas e com os sinais dos objetos que utilizamos no dia a dia na escola. As oficinas cinco, seis e sete foram realizados os ensaios da música “Mamãe” de Yasmin Veríssimo a ser apresentada no dia das mães em LIBRAS.

No dia da oitava oficina foi realizada a apresentação do dia das mães com os alunos, onde todos usavam camisas pretas e luvas brancas para que o sinal em LIBRAS ficasse mais nítido, esta foi a primeira vez que o aluno com deficiência auditiva participou de forma significativa, compreendendo sua participação e se posicionando ativamente na mesma.

A seguinte aula foi trabalhado sinais relacionados a família, seus parentescos, como mãe, pai, avô, avó, tio (a), neto (a), sobrinho (a), menino (a), filho (a), primo (a), sogro(a), genro e nora e relacionando-os aos seus significados e representações familiares. A participação do aluno com deficiência nesta atividade foi de aprendizagem e também de colaboração, ensinando aos colegas sinalizar corretamente.

Na décima oficina foi realizado um passeio pela escola, onde todos os cômodos foram apresentados em LIBRAS e as crianças perguntavam os sinais de todos os objetos observados, faziam a datilologia do nome de todas as pessoas que encontravam, com a curiosidade aguçada e um aluno fluente em LIBRAS disposto a colaborar, principalmente disposto a interagir com os colegas o horário dispensado para a oficina foi curto tendo que ser retomado na próxima oficina. Soares e Sobrinho (2006) declaram que a escola precisa ter uma prática planejada no sentido de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva, o que favoreceria o ensino de LIBRAS no cotidiano escolar.

Nas oficinas de número doze e treze foram trabalhadas as cores primárias e secundárias, unindo LIBRAS e artes propiciando uma aprendizagem a partir da experiência, por meio de uma

aquarela aos alunos com os respectivos sinais ao lado de cada cor, divididos em grupos realizaram pinturas com as cores primárias e depois a partir delas outras pinturas com cores secundárias.

Para criar ambientes estimuladores e de acordo com a realidade dos alunos a partir da décima quarta oficina foi desenvolvida atividades voltadas para o “Arraiá” que aconteceu na unidade escolar apresentando sinais das comidas típicas vendidas neste momento, na escolha da música para apresentação da turma e os alunos sinalizaram a música para o aluno com deficiência demonstrando atenção, cuidado e a inclusão escolar.

O “Arraiá” e a apresentação de dança desenvolvida pelos alunos aconteceu no dia da décima oitava oficina, onde os alunos conversando em LIBRAS, era possível ver os pais comentando e percebendo que esta oficina vai além do aprendizado de uma língua, significa respeito e participação social de todos independente de sua condição.

Assim como nos diz Stainback e Stainback (1999, p. 21) que o ensino inclusivo pode ser definido como “a prática da inclusão de todos – independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras onde as necessidades desses alunos estejam satisfeitas”. Numa tentativa de atender as necessidades desse indivíduo com deficiência auditiva que essas ações foram realizadas.

No retorno do recesso realizamos uma dramatização com os alunos a fim de rever os sinais aprendidos, onde os alunos discutiram e montaram diálogos com os sinais e tiravam suas dúvidas e aprendiam com o seu colega com deficiência auditiva que fazia o papel de colaborador, neste contexto. Fazendo os alunos refletir que a LIBRAS não são apenas sinais soltos, mas possuem uma estrutura própria que precisa ser respeitada.

A vigésima e vigésima primeira oficina foram trabalhados os cômodos da casa com todos os utensílios que cada um possui, no primeiro dia trabalhamos sala e quarto e no segundo cozinha e banheiro.

E nas oficinas seguintes foram trabalhados os meses do ano, as datas, as estações do ano, animais domésticos, animais selvagens, frutas e brinquedos. Terminamos o ano com uma dramatização criada pelos alunos para apresentar a escola toda em LIBRAS e um dos alunos traduzia para o português, demonstrando toda aprendizagem desenvolvida no decorrer do ano e estimulando os colegas a aprenderem e interagirem por meio da LIBRAS.

Conclusões

A inclusão do aluno com deficiência auditiva apresenta-se como um fato “novo”, mesmo com duas décadas de debates, mas para a maioria dos professores e profissionais da educação ainda se configura em um grande desafio, já que uma escola inclusiva tem como pressuposto o desenvolvimento das possibilidades reais de aprendizagem a todos os alunos, ou estará realizando uma integração.

Na experiência vivenciada com a turma de 3º ano do fundamental I, crianças com faixa etária aproximada entre 8 e 10 anos, ao terem contato com o conhecimento da LIBRAS, com a oportunidade de interagir com o colega com deficiência auditiva os alunos passaram a entender o que é inclusão na prática, refletiram sobre a sua prática anterior a aquisição da língua, retirando preconceitos e medos, extinguindo expressões como “surdo-mudo” ou “mudinho”.

De acordo com a experiência vivenciada, verificamos que os alunos demonstraram bastante interesse em aprender, fato este visto através das diversas perguntas feitas por eles, das interações com o aluno com deficiência e com o professor da oficina. Alguns disseram que gostaria de estudar mais LIBRAS, mostrando a importância de se trabalhar à disciplina desde cedo com os alunos, pois estes são bastante abertos e curiosos ao aprender coisas novas.

A aprendizagem aconteceu de forma natural, a partir das vivências e da realidade dos alunos, onde até mesmo os pais perceberam as mudanças em seus filhos nos eventos escolares e nas ruas do bairro, pois a interação social vai além da escola. Esta experiência mostra a importância de LIBRAS para alunos ouvintes e surdos, pois sem esta não haveria comunicação entre eles, de uma forma cidadã. Entende-se que a comunicação é um dos aspectos fundamentais para a pessoa acessar seus direitos básicos e aprender LIBRAS pode favorecer na eliminação de barreiras para a construir uma sociedade inclusiva.

Referências:

BRASIL. Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Brasília: Senado Federal, 2002.

CAMPOS, M. L. I. L. SANTOS, L. F. **Ensino de LIBRAS para futuros professores da educação básica**. In: LACERDA, C. B. F. SANTOS, L. F. (Org.) Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013. Cap. 14, p. 237-250.

DELGADO, I. C. CAVALCANTE, M. C. B. **A construção do aprendiz surdo na perspectiva da alfabetização e do letramento**. In: FARIA, M. B. CAVALCANTE, M. C. B. Desafios para uma nova escola: um olhar sobre o ensino-aprendizagem de surdos. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011, p. 65-108

FONSECA, V. **Educação Especial**. 2. ed. Porto Alegre: Revista e Aumentada, 1995.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

GLAT, R. BLANCO, L. de M. V. **Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva**. In: GLAT, R. (org.). Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.14 (Coleção Questões atuais em Educação Especial, v. VI), Editora Sete Letras, p. 15-35, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, M. C. C. VIEIRA, M. I. S. Bilinguismo e educação de surdos. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 62-67, 2009.

PLAISANCE, É. **Denominações da infância: do anormal ao deficiente**. Educação e Sociedade, v. 26, n. 91, p. 405-417, 2005.

RIBEIRO, A.L.B. ANDRÉ, B. P. A inclusão de alunos com deficiência auditiva e o atendimento em sala de recursos. **Revista Philologus**, Ano 23, N° 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2017.

SOARES, M. F. C. SOBRINHO, J.A.C.M. **A docência nas séries iniciais do ensino fundamental**: reflexões sobre a mobilização do saber experiencial. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt3/GT3_2006_01.PDF
Acesso em 18 jul.2018.